

MONOGRAFIA

---

 TCC/UNICAMP  
C339p  
1858 FEF/496

CARLOS GUSTAVO CEZARE

# **POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA:**

Algumas considerações

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS- UNICAMP  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Campinas  
1998

UNICAMP  
BIBLIOTECA - FEF



**CARLOS GUSTAVO CEZARE**

**POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA:  
Algumas considerações**

Monografia apresentada para  
obtenção do título de Licenciado  
em Educação Física

Orientador: Prof. José Luiz Rodrigues

Campinas  
1998

## *Meus agradecimentos*

ao prof. José Luiz pela excelente orientação

aos professores: João Tojal, Paulo Araújo e Ídico pela disponibilidade

à professora Marina, ao Fábio, à Fernanda e à Dulce por ajudarem no trabalho

---

## SUMÁRIO

RESUMO .....	1
INTRODUÇÃO.....	2
<b>CAPÍTULO 1</b> <i>EDUCAÇÃO FÍSICA EXCLUDENTE</i> .....	5
<b>CAPÍTULO 2</b> <i>OS EXCLUÍDOS</i> .....	11
• <i>caso das meninas</i> .....	11
• <i>caso dos obesos</i> .....	16
<b>CAPÍTULO 3</b> <i>POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA</i> .....	19
• <i>separação por sexo</i> .....	23
• <i>estabelecimento de fases</i> .....	24
• <i>grupos afins</i> .....	24
<b>CAPÍTULO 4</b> <i>COM A PALAVRA: O ALUNO</i> .....	26
• <i>método</i> .....	26
• <i>caracterização do grupo</i> .....	27
• <i>análise dos resultados</i> .....	27
5. <i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i> .....	32
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i> .....	35
<i>ANEXO</i> .....	37

---

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo levantar e discutir alguns aspectos de um problema que a Educação Física vêm trazendo: a exclusão de alunos nas aulas.

Passando por algumas questões da escola, da sociedade e dos próprios alunos pretendemos mostrar a questão da exclusão de uma forma ampla, acreditando que ela não pode ser analisada por um único foco.

Através de uma simples pesquisa de campo colhemos opiniões de alunos, no sentido de confrontar as discussões teóricas com a atual prática escolar.

A partir da análise das respostas concluimos que muito do que os alunos colocaram vão ao encontro do que colocamos ser relevante, entre elas a atitude do professor com relação a aula.

---

## INTRODUÇÃO

Hoje em dia é difícil se engajar em alguma atividade sem que sejamos previamente selecionados, essa seleção ocorre, às vezes sem percebermos, em quase todas as instituições sociais. Existem vários exemplos disso: quando vamos procurar um emprego temos que levar um currículo, que nada mais é do que um instrumento para a seleção de um felizarado a ser empregado; quando queremos entrar em uma faculdade, o vestibular é o que seleciona (quem já foi selecionado financeiramente ao longo do caminho), etc. Este tipo de coisa, se considerarmos que estamos numa sociedade capitalista, pode até ser entendido como normal, já que se o número de candidatos é maior que o número de vagas em muitos setores, entende-se que os melhores devam assumir as vagas, assim os que foram excluídos devem se preparar melhor (pois, teoricamente, tiveram a mesmas chances que os selecionados durante a vida). O que queremos apontar com tudo isso é que, a seleção de pessoas (portanto exclusão de outras) para exercer alguma atividade, não se constitui no problema que abordaremos, o grande problema, na nossa opinião, é isso ocorrer num momento de formação e desenvolvimento dos indivíduos. Consideramos que o período que o indivíduo está se preparando para a vida adulta (considerada como hora de estar apto para a seleção social), deve se constituir num momento de igualdade de condições para o desenvolvimento do cidadão.

Ao longo de minha vida escolar presenciei alguns fatos curiosos, um deles era que, durante muitos anos na escola percebi que em disciplinas, como Ciências ou Matemática, quase todos os alunos participavam das aulas, é bem certo que muitos deles não gostavam, mas mesmo assim estavam ali presentes para aprender pelo menos um pouco do que o professor colocava. Lembro que uma das disciplinas que os alunos mais gostavam era a Educação Física, o mais estranho era que dela nem todos participavam. Passaram se os anos e esta questão

começou a me intrigar, pois o que vemos, hoje, no cotidiano escolar não é muito diferente disso.

Levando em conta que a Educação Física tem seu espaço na escola garantido por lei, e que hoje ela construiu um corpo de conhecimento que consideramos ter fundamental importância na formação do cidadão, é difícil conceber que a Educação Física não atenda a todos que gostaríamos.

Atualmente, estamos diante de um padrão de homem, principalmente o das grandes cidades, que não se movimenta, e por causa disso sofre consequências fisiológicas, sociais, afetivas e psicológicas das mais diversas. Diante da tão sabida necessidade de atividade física, pergunta-se então: como as crianças e jovens de hoje vão se relacionar com a atividade física, nas suas diversas formas, no futuro?

Entendemos que muitos dos alunos que estão se afastando da Educação Física hoje, provavelmente, serão as pessoas que mais sofrerão essas consequências da falta de atividade física amanhã. Ao acreditarmos também que as experiências vividas pelo aluno na escola traz muitas implicações (sociais, afetivas, motoras e culturais) para toda a sua vida futura fora da escola, concluímos que deve-se zelar por uma passagem proveitosa do aluno na escola. Portanto, é imprescindível que a área da Educação Física reflita sobre a situação em que ela se encontra atualmente, e levante questões pertinentes a uma possível busca de mudança. Apesar de tudo isso, não se pretende aqui pregar que a Educação Física é a solução para todos males, dando a ela um poder que a mesma não tem. Entendemos que se a Educação Física cumprir exclusivamente o seu papel, já estará contribuindo, de certa forma, para a mudança deste panorama.

No primeiro capítulo *Educação Física Excludente* procuramos colocar algumas questões que, no nosso modo de entender, têm parte no conjunto de fatores que contribuem para que uma aula seja excludente, como questão da

competição, do esporte na escola, atitude do professor, etc. Já no segundo capítulo *Os Excluídos* levantamos questões relacionadas aos tipos de alunos, que geralmente ficam de fora das atividades de aulas, (no caso: as meninas e os obesos), que também têm influência no problema da não participação.

O terceiro capítulo: *Por uma Educação Física Inclusiva* traz algumas discussões acerca de uma Educação Física que privilegie também a participação dos alunos, para que seja possível o desenvolvimento pleno de sua função escolar. No capítulo *Com a palavra: o aluno* ouvimos a opinião dos alunos através de questionário, a fim de relacionarmos o que discutimos com alguns aspectos da realidade escolar.

Diante de tudo isso, este trabalho vai tentar discutir alguns aspectos relativos ao problema da exclusão nas aulas de Educação Física, ouvir o que alguns alunos têm a dizer sobre isso e mostrar a importância dessas discussões, para que esse momento que é a aula de Educação Física não se torne um privilégio de poucos.

---

## 1. EDUCAÇÃO FÍSICA EXCLUDENTE

A aula de Educação Física, ao mesmo tempo que desperta fascínio por parte de alguns, conquista a antipatia de outros; uma aula prestigiada em certos lugares, e desprezada em outros; uma atividade que traz boas recordações a alguns, e péssimas para outros. Na escola, ela é um dos únicos momentos em que se trabalha mais diretamente com o corpo, um corpo que quando em desenvolvimento mexe com a sensibilidade do indivíduo em muitos aspectos. A Educação Física em termos afetivos e cognitivos é certamente diferente das outras aulas, o que não quer dizer que ela deva ser encarada de modo diferenciado das outras, como disciplina escolar. Portanto, a participação dos alunos nas aulas de Educação Física nada mais é, do que um princípio básico a ser seguido pela escola.

Para maior compreensão do quadro atual da Educação Física é necessário entender os contextos relativos à sua história passada e atual. A questão da participação nas aulas, no período pós-64, de certa forma, se torna difícil de analisar devido ao caráter instrumental que a Educação Física assumiu no período militar. A Educação Física ajudava na formação de um modelo de corpo produtivo e apolítico necessário para o governo da época. Com relação a Educação Física Castellani (1992, p.12) coloca:

*“Por último, sofre ela a influência da instituição esportiva, hegemônica na cultura corporal a partir de consolidação do modelo industrial desenvolvido no pós-guerra (...) Esta influência do Esporte é de tal envergadura, que temos a configuração não do Esporte da Escola, mas sim do Esporte na Escola, indicando a subordinação da Educação Física aos códigos da instituição esportiva.”*]

Desta maneira, a formação dos professores era fortemente marcada pelo Esporte, as aulas ficaram caracterizadas pelo caráter esportivo com regras oficiais, a Educação Física se tornou sinônimo de Esporte. Com isso valorizava-se a participação de quem se enquadrasse na prática das modalidades esportivas. A partir dos anos 80, a Educação Física começou a ser pensada de outra forma, alguns autores não enxergavam sentido numa situação em que, o professor de Educação Física reproduzisse somente práticas esportivas, com ênfase em valores competitivos, dentro da instituição escolar.

Segundo Freire (1996, p.37): “... *transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.*” Isso vai ao encontro às críticas sobre práticas tecnicistas na Educação Física escolar, isto é, aquele modelo de aula de gestos repetitivos e caracterizado pela não reflexão sobre a prática (muito visto ainda em nossos dias). Os gestos repetitivos e não refletidos têm sua utilidade, mas achamos que não devem ser o instrumento pedagógico principal numa aula de Educação Física.

Segundo Taffarel (1985, p.14) “*O ensino da Educação Física baseado em princípios do esporte de alto nível tem como consequência a prática de poucos em detrimento da prática de todos*”. No momento em que se tem como objetivo, numa aula de Educação Física a performance esportiva, tendo como ponto de referência os jogadores de alto nível, não faz sentido incluir os alunos com dificuldades em reproduzir tais estereótipos. Ainda sobre isso Taffarel (1985, p.12) coloca que:

*“Em uma concepção elitista de Educação Física, somente os considerados mais capazes ou mais dotados é que teriam a oportunidade de demonstrar seus talentos, treinar*

*suas habilidades e capacidades, e assim demonstrar serem os mais velozes, mais altos e mais fortes. Os menos capazes seriam relegados a um segundo plano, como se não lhes fosse dado direito de valerem-se dos benefícios da Educação Física.”*

A autora toca num ponto muito importante, quando diz que só os mais capazes teriam o direito de treinar suas habilidades. Desta forma, os alunos que já tem certa facilidade para certa modalidade, vão melhorar seu rendimento ainda mais (melhorando os “melhores”). Contudo, o grande problema ao nosso ver é a falta de “oportunidade motora” dos alunos com maior dificuldade (piorando os “piores”). Num estudo de Pimentel (1991, p.517) em que ele analisa a prática de basquetebol e handebol por alunos em aulas de Educação Física, ele define uma variável chamada Empenhamento Motor Direto (EMD) que é: “ *o tempo em que o aluno se encontra a movimentar a bola ou está próximo dela, influenciando sua movimentação e exteriorizando uma atitude dinâmica e mental intensas para obter o máximo sucesso durante o jogo reduzido e o jogo.*” O autor considera que dentre as variáveis que ele estudou esta é a que melhor reflete a aprendizagem das especialidades propostas. Nos seus resultados o autor descobriu que o tempo de EMD dos alunos considerados “melhores” foi de 14,3 %, e dos alunos que ele chama de “menos bons” foi de 4,5 %. Em suma os alunos “melhores” participaram do jogo (participação direta) 3,2 vezes mais que os outros. Portanto, uma questão a ser considerada pelo professor de Educação Física é: a participação da grande parte dos alunos em uma atividade (principalmente coletivas), não garante que todos estejam tendo oportunidades de aprendizado. Muitas vezes, à primeira vista, alguns alunos estão incluídos em uma prática, mas podem estar excluídos dos momentos significativos dentro dela.

Uma das situações em que as diferenças, entre os mais e menos habilidosos, ficam mais evidentes, é quando se trabalha atividades que envolvem a competição. Paes (1996, p.61) coloca: *“A competição é prioritariamente performance, biotipos adequados, profissionalização, elites. Já a participação como prioridade implica socialização, lazer e valores culturais interativos.”*. Levanta-se aqui a idéia de que, se os valores competitivos não forem tratados de maneira adequada pelo professor, a valorização da performance e dos biotipos adequados podem predominar nas relações ocorridas numa aula, tornando assim a aula excludente para com os que não se enquadram.

Pretendemos, nesse contexto, construir a idéia de que, a competição não é algo a se abolir das aulas de Educação Física (considerando que é ela o grande mal que exclui alunos), ela estará presente mesmo que o professor não queira. Assim sendo, é muito mais interessante levantar discussões sobre os valores competitivos que aparecem nas aulas, (refletindo sobre algo que com certeza os alunos encontrarão em suas vidas), do que tentar fazer da aula um espaço livre da competição. Freire (1994, p.150), em relação ao esporte, afirma:

*“O jogo ou o esporte representam, num contexto lúdico, as ações individuais e coletivas das pessoas e da sociedade. Portanto, a competição não nasce no jogo, mas é nele representada. Se a competição assume, na sociedade, o caráter predatório que observamos atualmente, não é por culpa do jogo e nem será suprimindo deste o aspecto competitivo que o problema desaparecerá.”*

Consideramos que o esporte, como conteúdo da Educação Física, não deve em momento algum ser excluído por ser um tema que, na maioria das vezes, tende a trazer valores competitivos para as aulas. Segundo Gonçalves (1991, p.521):

*“Existe uma larga faixa de consenso entre os investigadores na aceitação de que a prática desportiva competitiva pode proporcionar boas oportunidades para a socialização das crianças e dos jovens, mas contudo, os possíveis aspectos positivos dessa socialização estão intimamente dependentes da qualidade das situações que são criadas na prática desportiva.”*

Desta forma, entendemos que a competição só se torna um problema numa aula quando assume, segundo Freire, um “caráter predatório”, como por exemplo: excluir os menos aptos. Paes (1996, p.43) também argumenta sobre isso, no caso específico de uma modalidade esportiva:

*“Sendo o basquetebol uma modalidade esportiva de larga aceitação popular e bastante utilizada na Educação Física, pode-se afirmar que, para que este jogo seja um agente educacional, ele não deve ser visto de forma fria e calculista, limitando-se somente ao desenvolvimento de movimentos em seus aspectos biomecânicos e mesmo técnico-táticos.”*

O autor aponta aqui que o esporte é de grande valia na prática pedagógica, desde que não se restrinja a aspectos do esporte de alto nível. Mas, na medida em que, essa restrição a aspectos do alto nível acontece, o foco se volta para a vitória (objetivo no alto nível), então pode-se chegar a situações em que os alunos só querem participar das equipes onde estejam os “bons”, distorcendo assim toda a intenção pedagógica de uma aula. Com isso, as escolas muitas vezes: vêem a disciplina de Educação Física como momento de treinamento para as equipes da escola, concedem bolsas de estudo para alunos que jogam bem alguma modalidade, e valorizam a especialização esportiva na contratação dos professores de Educação Física. Constitui-se então um quadro, também muito comum em escolas particulares, em que de um lado se tem alunos, em plenas condições de saúde, “arranjando” atestados médicos para justificar a não participação na Educação Física; e do outro lado as escolas concentrando suas

atenções e cuidados aos alunos “mais aptos”. Desta maneira a preocupação do professor de Educação Física fica restrita a um grupo “seleto” de alunos e valoriza-se o nome da escola, ou seja, une-se o útil ao agradável.

Diante de tudo isso, entendemos que existe uma relação entre esta Educação Física que exclui e certos fenômenos sociais, assim sendo, aspectos exteriores ao ambiente escolar também devem ser considerados ao se discutir o problema da exclusão nas aulas.

---

## 2. OS EXCLUÍDOS

Como pode-se perceber pelas colocações anteriores, levando-se em conta os vários autores que tratam dessas questões, para ser um excluído nas aulas de Educação Física não é preciso muitos “atributos”, talvez, o único pré-requisito que se exige é não se enquadrar ao paradigma do objetivo presente na aula. São estes alunos que, por motivos relacionados a essa questão, não participam das aulas que chamaremos aqui de excluídos.

Diante disso, na realidade constata-se que, existem alguns tipos específicos de alunos que em várias ocasiões estão “incluídos na categoria dos excluídos”. Contudo, aqui trataremos um pouco sobre as meninas e os obesos. Não pretendemos aqui estudar as características específicas de cada grupo, mas sim levantar alguns aspectos (mais diretamente relacionados aos alunos) que também influem na questão da exclusão nas aulas de Educação Física.

### O CASO DAS MENINAS

É prática comum nas aulas de Educação Física a separação entre meninos e meninas, ou maior participação dos meninos em certas atividades (principalmente as esportivas). A questão que se coloca é a seguinte: por que isso ocorre? Muitos professores e meninos arriscam falar que trata-se de uma medida de prevenção aos acidentes (devido a virilidade dos meninos frente a delicadeza das meninas), ou porque as meninas por não gostam de atividade física, principalmente esportes. Sobre essa questão da relação mulher com esporte, Alpiarça (1991, p.195) afirma:

*“Nos últimos 150 anos o desporto desenvolveu-se no sentido de ser um baluarte do ideal masculino tradicional. A sua “rede” moral é constituída por valores como o poder, o controle, a agressividade, a competição, a eficácia e a vitória . Por consequência este desporto é encarado como ritual substituto da guerra, e como um problema altamente instrumental que dificilmente pode ser resolvido por seres humanos com capacidades motoras inferiores (como as do corpo feminino) e uma mentalidade muito emocional (como a das mulheres). Este ponto de vista levou (e leva) ao desprezo pela prática desportiva das mulheres e a negligenciar as oportunidades para o desenvolvimento do sexo feminino.”*

Torna-se importante, neste momento, a reflexão sobre este aspecto da história do esporte e da Educação Física, no sentido de considerar que, certas linhas de pensamento que faziam sentido para o esporte à tempos atrás, não fazem sentido hoje. Se antigamente, dentro do contexto da época, havia motivos para que a mulher não participasse de certas práticas, hoje é necessário que se pense sobre o papéis do esporte e da mulher na sociedade atual, para que se perceba que certos preconceitos estão muitas vezes baseados em valores absolutamente ultrapassados. Essa discussão nos parece ser importantíssima, principalmente para o professor de Educação Física que trabalha o esporte, com meninos e meninas, numa instituição que julgamos ser lugar de formação, mas que muitas vezes se torna local de reprodução de valores que não gostaríamos que fossem perpetuados.

Diante disso, defendemos que o professor de Educação Física precisa considerar certos aspectos ao se trabalhar com uma turma mista. Ao entendermos que os meninos têm características biológicas, e principalmente culturais, que os tornam mais hábeis que as meninas (principalmente nas modalidades esportivas coletivas, que prevalecem nas aulas de Educação Física), qual deve ser a atitude do professor com relação ao trabalho conjunto de meninos e meninas? O bom senso nos diz que a partir do momento em que um menino joga contra uma

garota, ele não deve (teoricamente) investir contra ela da mesma maneira que faria se seu adversário fosse um menino, por exemplo: um garoto marcando uma garota num jogo de basquete tem que ter uma conduta diferenciada ao marcá-la, ele não pode “chegar junto”, pois afinal de contas ela é uma “garota”(sentido preconceituoso do termo: fraca, lenta, frágil, ingênua, anta, etc). Quando o jogo só tem meninos aí todos podem jogar ao máximo de seu desempenho para buscar a vitória (novamente a influência de outros valores), portanto ninguém vai jogar como “moça”, as moças ficam só assistindo neste momento.

Quando as aulas são mistas, isto é, quando algumas meninas tem coragem (ou tomam coragem) de participar da aula com os “moleques” (sentido preconceituoso do termo: fortes, rápidos, firmes, espertos) acontecem certos fatos interessantes, Daolio (1995, p.79) ilustra isso da seguinte forma:

*“A aula daquele dia teria sido igual a tantas outras, não fosse pela reação de uma aluna ao errar uma bola fácil. Ao se ver incapaz de inclinar o corpo para o lado e receber um saque, com um misto de desânimo e raiva: ‘Por que eu sou uma anta?’. Esta reação apareceu de forma contundente neste dia, mas existia de forma velada em outras aulas, na medida em que as meninas percebiam que os meninos eram mais habilidosos do que elas em praticamente todas atividades realizadas. Por trás da frase de uma menina, havia a reação de todas elas contra sua inferioridade motora em comparação aos meninos. Era como se todas clamassem: ‘Por que nós meninas somos antas e os meninos não são?’ ”*

O que chama a atenção é o aspecto da inferioridade motora das meninas em relação aos meninos que tanto aparece nas aulas de Educação Física. Isso existe realmente? Se existe, é devido a que?

À princípio, temos que considerar que existem diferenças entre os dois sexos, e que, essas diferenças extrapolam o universo biológico. Podemos afirmar que estas diferenças biológicas não são muito determinantes para diferenciar, de maneira relevante, o desempenho motor entre meninos e meninas. Um exemplo disso é o significativo número de garotas “motoramente melhor adaptadas” a certas atividades que muitos rapazes. Mas então por que na maioria dos casos das aulas de Educação Física não ocorre isso? Esta questão pode ser melhor esclarecida quando nos dispomos a observar um pouco dos aspectos sócio-culturais que acompanham o desenvolvimento das crianças. Salvo as exceções, em geral os meninos quando crianças têm em seu “repertório” de brincadeiras muitas atividades que abrangem maior variedade de habilidades motoras (bola, pega-pega, etc) , além disso as modalidades esportivas já estão entre os meninos desde cedo (e são, provavelmente, o que terão nas aulas de Educação Física). Já com relação as meninas suas brincadeiras parecem estimular uma atitude não muito ativa em termos de movimento (boneca, casinha, etc) com mais ênfase numa habilidade motora mais fina. Atualmente, somando-se a essa problemática, não menos preocupante, e que vale para ambos os sexos, é a “geração apartamento” em que meninos e meninas têm suas brincadeiras quase que totalmente reduzidas a jogos eletrônicos. Sobre todas essas questões Daolio (1995, p.83) afirma: *“Esses hábitos corporais masculinos e femininos vão, ao longo do tempo e dependendo da sociedade, tornando um sexo mais hábil do que o outro em termos motores. No caso brasileiro, os meninos tornaram-se mais habilidosos e as meninas ‘antas’.”*

Outro aspecto a se considerar são os estereótipos determinados para os homens para as mulheres. A imagem que se busca da mulher em nossa sociedade é aquela sempre limpa, cheirosa, delicada e sensual, e isso é o padrão que as meninas seguem, principalmente as adolescentes, como forma de afirmação feminina. Na medida em que a aula de Educação Física exige uma disponibilidade corporal dos alunos para se movimentarem, suarem, até se sujarem, as garotas podem se sentir numa situação incômoda. Um exemplo disso

é quando as meninas, que aceitam jogar com os meninos (suam, se sujam, e até fazem valer sua opinião perante os outros), geralmente não se tornam o padrão de garota a ser seguido pelas outras. Portanto, é necessário compreender que existem muitos outros aspectos a considerar por trás de desculpas, para não participar da aula, como: *“Ah! Professor, eu não quero suar”*, ditas geralmente por meninas.

O reflexo de todas estas questões, na prática, são dos mais variados, vemos meninas que quando participam da aula com os meninos reclamam de sua “brutalidade”, meninas que só participam com outras meninas e outras que nem participam. É preciso que se compreenda as várias determinantes deste processo, principalmente que o problema da exclusão das meninas em aulas de Educação Física, com certeza, não só se explica analisando a instituição escolar de dentro para fora.

## O CASO DOS OBESOS

É muito comum a exclusão dos alunos obesos ou com excesso de peso durante as aulas de Educação Física e isso pode ocorrer de várias formas. Portanto, como no caso das meninas, devemos buscar uma compreensão mais ampliada desse problema. Segundo Mayer (1977, p.IX) “*Um indivíduo é obeso quando ele é demasiado gordo para o seu próprio bem.*”, desta forma, aqui consideraremos também obeso a pessoa que, independentemente do seu excesso de peso, tenha problemas por causa disso, sejam estes orgânicos, sociais, psicológicos, ou de outra ordem.

O primeiro ponto que entendemos ser relevante colocar aqui, é a compreensão da obesidade como um problema que extrapola o acúmulo de gordura corporal, segundo Moura (1988, p.29): “*A Obesidade deve ser encarada como uma alteração metabólica primária com repercussões variáveis de indivíduo para indivíduo, não relacionadas a percentuais de aumento, mas ao grande desconforto orgânico ou psicológico que pode causar*”. Vemos através desta definição que o autor considera que uma grande parcela do problema está também localizado no desconforto psicológico trazido pelo excesso de gordura, isso é facilmente visto no ambiente escolar em que geralmente os gordinhos são alvos de gozações, às vezes muito desagradáveis.

Portanto, podemos considerar que numa aula de Educação Física, muitas das dificuldades dos obesos (exceto casos patológicos extremos) estão nos aspectos sociais e psicológicos. Sobre isso Moura (1988, p. 53) coloca que: “*A obesidade traz depressão em razão das discriminações sociais (dificuldade de relacionamento desde a infância até a idade adulta) e às vezes a marginalização determina um estado de constante insatisfação pessoal*”. Diante disso, conclui-se que situações de exclusão deste tipo de aluno podem se tornar altamente

prejudiciais para sua auto-estima. É na aula de Educação Física que o aluno obeso se expõe mais, e é aí que muitas vezes ocorrem as situações de exclusão. Na medida em que um garoto tem dificuldade em se relacionar, levando-se em conta sua aparência, situações de correr, jogar, tirar a camisa em frente a um grupo, entre outras coisas de uma aula de Educação Física, se tornam muito complicadas. Hilde Bruch (1977, p.83) entre outras coisas afirma:

*“A maior parte das crianças obesas são tristes(...) onde quer que vão atraem as atenções porque são desajeitadas, feias, lentas(...) seus corpos malformados aparecem em contraste agudo com a graça e vivacidade das crianças normais(...) as crianças obesas correm o risco de tornarem-se objeto de riso e de provocação por parte dos colegas(...) frequentemente são passivos e medrosos(...) não é de surpreender que os insultos que ferem uma criança obesa diariamente acabam por torná-la fechada e infeliz(...) a obesidade é um prejuízo na vida social da criança e mais ainda para um adolescente.”*

Com isso, também observamos que as consequências sociais e psicológicas da obesidade colaboram para uma possível auto-exclusão numa aula .

Fica a clássica a pergunta: Um garoto é gordo porque não pratica esportes ou outras atividades, ou não os pratica porque é gordo? Numa relação simplificada podemos dizer que, um garoto que não pratica uma atividade física gasta menos energia, ficando mais tempo em casa tende a comer mais, isso pode ser um fator que desenvolve aumento da massa adiposa. Sendo gordo, existirão uma série de fatores (sociais, culturais, psicológicos, biomecânicos, etc) que poderão desestimular o garoto para a prática esportiva. Sobre isso Arthur Kornhaber (1977, p.120) afirma: *“Embora a gênese desse problema possa ser puramente metabólica, a maior parte das vezes existe um padrão delicadamente entrelaçado de fatores psicológicos, fisiológicos, endócrinos, de aprendizagem condicionada e interpessoais que provocou a obesidade”*.

O que se quer mostrar é que a obesidade é um problema de múltiplas causas e consequências, e que o mínimo de compreensão dessa problemática colaborará em muito nas relações do aluno obeso, na aula de Educação Física.

Tanto as meninas, como os obesos são dois casos que ilustram uma idéia: a necessidade de se considerar também *questões individuais*, quando se tem como um dos princípios pedagógicos a participação dos alunos nas atividades, principalmente nas de Educação Física.

---

### 3. POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

Antes de tratarmos questões sobre a possibilidade de uma Educação Física menos excludente, entendermos ser necessário passar primeiro por um ponto, que se coloca muito relevante na discussão: a questão das *diferenças* entre os alunos.

O ambiente escolar é um dos lugares mais privilegiados para se observar diferenças entre as pessoas, pois ali se encontram muitas delas participando de atividades em conjunto. Mesmo quando temos um grupo de alunos com a mesma idade, mesmo nível sócio-econômico e de uma mesma localidade, podemos observar os mais diversos tipos de comportamento, histórias de vida diferentes, e mais importante, os mais diferentes *ritmos de aprendizagem* (em todas as aulas, inclusive as de Educação Física). Poderia se dizer então que: um professor de Matemática não precisa considerar tanto estas diferenças, pois os alunos que estão numa determinada série, teoricamente foram capazes de dominar o conteúdo de Matemática da série anterior, e desta forma, o professor pode dar sequência à sua disciplina a partir de um mesmo ponto para todos os alunos. Portanto, na maioria das aulas, o próprio sistema escolar parece se encarregar de “homogeneizar”, de certa forma, o grupo através do sistema promoção/retenção nas séries (fato que não isenta o professor de adaptar sua intervenção pedagógica às diferenças). A maioria das disciplinas escolares tem seu conteúdo organizado e definido ao longo das séries, mas na Educação Física isso não se dá de forma muito clara; desta maneira a questão das diferenças entre os alunos, nas aulas de Educação Física fica bem explícita. O que se observa então é que o professor, no início de um trabalho com um grupo, se depara com alunos com as mais diversas experiências na área da Educação Física (diferenças grandes no repertório motor, gosto ou não pela atividade física, nível de conhecimento sobre a área, etc).

Exemplificando, podemos apontar para uma classe em que alguns alunos dominam muito bem os conhecimentos relativos à Educação Física (praticando e conhecendo) e outros, além conhecer pouco sobre a área, não desenvolveram o gosto pela prática, um aspecto básico para a participação nas aulas. Se imaginarmos esta situação em uma outra disciplina, guardando as devidas proporções, teremos um quadro em que, se pode ter numa mesma classe de Matemática alunos aprendendo potenciação, e outros aptos somente para atividades que envolvam soma ou subtração (e ainda sem vontade de aprender).

Portanto o que se pretende colocar é que, antes de pensarmos na possibilidade de mudanças metodológicas na Educação Física escolar, no sentido de ser mais inclusiva e menos excludente, temos que ter claro as condições apresentadas pelos alunos para adequar a prática pedagógica aos objetivos. Não se pretende, nesse estudo, propor que a Educação Física seja uma aula livre na qual os alunos façam o que quiser, com a desculpa de que as diferenças são tão grandes que é impossível aplicar uma mesma aula para todos. Mas também não se defende que todos os alunos devam passar pelas atividades visando ao mesmo desempenho, com a desculpa de que desta maneira diminuiríamos as diferenças que tanto “atrapalham” o trabalho de professor. Acreditamos que uma aula de Educação Física é diferente de uma de Matemática em que no final do processo ensino-aprendizagem todos os alunos sejam capazes de resolver uma equação. Contudo, entendemos que essa diferença não pode ser tão grande a ponto de que o ato de resolver equações seja facultativo para os alunos.

Diante de tudo isso, devemos considerar que todo professor, e principalmente o de Educação Física precisa ter capacidade para lidar com experiências tão diferenciadas em relação à sua disciplina. Tal situação se explicita quando, numa aula de ginástica, temos desde alunos que não conseguem dar um rolamento de frente, até alunos que já fazem até o movimento do chamado mortal; se numa situação dessa o professor centrar sua atividade para o alunos que dominam menos aquele conteúdo, provavelmente a aula se tornará desinteressante para os outros que já dominam mais (risco de excluir os que sabem mais sobre o tema), já se o foco da aula estiver em atividades mais adiantadas ocorrerá o desinteresse por parte dos menos adiantados. Assim, nestes casos em que o professor não consegue adaptar sua intervenção, a ponto de conseguir alcançar todos os níveis de aprendizagem, se observa que são criadas situações propícias a exclusão de alguns alunos (na maioria dos casos os que menos vivenciaram a Educação Física ao longo da vida). Sobre isso Pimentel (1991, p.513) coloca que:

*“Os professores de Educação Física têm consciência das diferenças de interesse, de atitude e de aptidão entre os alunos de uma mesma turma. Apesar disso mantém o hábito de apresentar uma única atividade à totalidade dos alunos. Por esta razão o professor vê-se confrontado com participações que variam do ponto de vista quantitativo e qualitativo.”(p.513)*

Obviamente, não queremos crer que cada aluno deva ter uma aula diferente, adaptada especialmente às suas necessidades, mas sim que o professor, na medida do possível, possa atender o maior número de alunos, individualizando a ação pedagógica sem perder o contexto do grupo. Massoli (1998, p.35) coloca bem esta questão:

*“Ao nos referirmos ao processo de individualização de ensino, faz-se necessário clarearmos que um ensino*

*individualizado não é sinônimo de ensino individual. O ensino individual comporta o deslocamento do indivíduo de um espaço comum com outros, para um espaço reservado, individual; implicando numa atitude segregadora.”*

Tendo em vista então que a aula deva buscar, na medida do possível, a individualização da aprendizagem (sem que ela precise ser uma aula individual), volto a ressaltar a importância do papel do professor neste processo, sendo que, somente ele pode perceber, em seus alunos, as características que poderão ajudá-lo a melhorar suas intervenções na sua prática cotidiana. Um pré-requisito para que tudo isso ocorra: compromisso do professor com a sua função social, sobre isso Massoli (1998, p.39) afirma:

*“O papel do professor está implícito na educação. Porém, neste caso (da individualização), seu envolvimento é efetivo e determinante no progresso do aluno, pois toda a planificação do ensino deve ser realizada a partir do posicionamento do professor frente à individualidade do aluno e da consciência do que venha a ser o papel do educador na sociedade. Assim, o professor assume o papel de planejador do conteúdo que se efetivará na relação ensino-aprendizagem, o que constitui o plano de ensino, que na perspectiva da individualização é individualizado, personalizado para cada aluno.”*

Pretende-se, então, comentar nesse trabalho algumas estratégias metodológicas, que possam apoiar o professor, no sentido de incluir cada vez mais alunos nas aulas; mesmo que, por vários motivos já comentados, o quadro atual na Educação Física não colabore muito para isso. A seguir comentaremos alguns princípios que não implicam em regras imutáveis para todas as aulas, mas que sugerem estratégias que podem se adequar a algumas situações de aula em Educação Física.

## *SEPARAÇÃO POR SEXO*

Pode parecer estranho propor neste trabalho que fala sobre inclusão a separação dos sexos, mas a proposta seria separar num momento a fim de possibilitar reunir mais a frente. A idéia de que as meninas participando de uma atividade junto com os meninos possibilita uma maior integração, tornando assim a aula menos excludente, tem fundamento, mas não se pode generalizar esta idéia para todas as situações possíveis em uma aula de Educação Física (que são, com certeza, inúmeras). Existem muitas atividades de aula em que a mistura entre garotos e garotas traz um contexto de exclusão. Dependendo, por exemplo, da faixa etária, num jogo com um grupo misto muitas vezes prevalece a participação masculina, onde um garoto, muito empolgado pela busca da vitória, prefere passar a bola para um menino do que para uma menina (influência de aspectos comentados anteriormente). Desta forma, mesmo que as meninas estejam jogando com os meninos, a participação delas não é efetiva, e se o professor não souber trabalhar esta questão, numa classe mista, os meninos cada vez mais vão ignorar a participação das meninas, e por outro lado desmotivando a participação da meninas juntos aos garotos.

Assim sendo, entendemos que nem sempre devemos olhar a separação por sexo com “maus olhos”, e sim como uma possibilidade a ser considerada pelo educador. Vemos que em aulas com jogos coletivos, existem muitos momentos em que separar em dois grupos favorece a participação de todos (principalmente das meninas). As diferenças físicas já citadas entre os sexos nos parece ser um fator que altera o desempenho, assim a separação pode tornar a atividade mais produtiva. O importante neste caso, é que o professor deixe claro que a razão da separação está fundamentada nos aspectos pedagógicos, não em algum tipo de preconceito ou coisa parecida; e que também mesmo separados os alunos estão inseridos dentro de um mesmo conteúdo sendo tratados de forma a terem as mesmas oportunidades, levando-se em conta todos os aspectos que envolvem o ensino-aprendizagem..

## *ESTABELECIMENTO DE FASES*

Devido às muitas diferenças, em termos de ritmo de aprendizagem e do chamado repertório motor entre os alunos, certas aulas não devem ser padronizadas, isto é, o conjunto de tarefas a serem realizadas muitas vezes não pode ser o mesmo para todos os alunos. Com isso, acreditamos na possibilidade da constituição de fases de aprendizado dentro de uma mesma aula, para que a maioria dos alunos possam começar seu desenvolvimento próximo de sua condição atual. Para atender as diferenças entre os alunos seria interessante que dividíssemos o espaço em fases. Por exemplo, numa aula de Ginástica na fase A ficaríamos os alunos para vivenciar o rolamento de frente, uma fase B seria o rolamento de costas, na fase C o tema seria o rolamento dentro de uma sequência de movimentos, etc. Este esquema poderia aproveitar alunos das fases mais adiantadas para ajudar nas anteriores. Desta maneira, cada aluno tem a oportunidade de se colocar numa fase e perceber qual é a sua verdadeira condição, sabendo que existe uma fase que se aproxima de sua característica. Portanto, cabe ao professor propiciar um ambiente de aprendizagem através da vivência, e não um lugar em que o objetivo de todos seja chegar a última fase. Importante dizer aqui que, de forma alguma, o professor deve separar os alunos pelas fases, correndo o risco de rotular ou segregar alguns deles, são eles próprios quem devem escolher por onde começarão. Entendemos ser papel do professor, neste momento, ampliar as possibilidades de vivência do conteúdo em seus vários níveis de complexidade, no sentido de facilitar a participação de todos.

## *GRUPOS AFINS*

Numa determinada faixa etária a partir aproximadamente dos 14 ou 15 anos, os alunos já tem condições de trabalhar os conteúdos da Educação Física de uma forma mais aprofundada, por isso as possibilidades metodológicas

aumentam, no sentido da participação de todos nas mais variadas formas. Numa classe de ensino médio em que se esteja trabalhando o tema futebol, talvez possa ser interessante, num certo momento, abrir opções para que os alunos escolham o que estudar sobre esta modalidade; um grupo de alunos pode se interessar em estudar o futebol, em seu aspecto de espetáculo esportivo; já outros podem desejar saber mais sobre os conhecimentos fisiológicos envolvidos na prática desta modalidade. O importante é que o professor integre o conhecimento estudado pelos grupos (através de dinâmicas como seminários, discussões, etc) e que mostre que os temas da Educação Física existem para ser vivenciados e refletidos. Portanto, todos podem participar de alguma forma das aulas.

---

#### 4. COM A PALAVRA: O ALUNO

Diante da necessidade que sentimos de confrontar as discussões teóricas com o que está ocorrendo na prática escolar, decidimos ouvir alguns alunos, a fim de que pudéssemos relacionar aspectos que achamos relevantes nos temas desenvolvidos, com o que os alunos ressaltaram. Ajudaram nas análises algumas observações de aula e conversas informais com alunos, que fizemos em visitas a " E.E.P.S.G. Barão Geraldo de Rezende" em Campinas, como parte da disciplina Prática de Ensino de Educação Física e Estágio Supervisionado II (EL-895)

#### MÉTODO

Um questionário foi elaborado no sentido de, obter opiniões sobre o problema da exclusão. Preparamos as questões de maneira a possibilitar que os alunos escrevessem sobre o problema na medida que sentiam a necessidade de explicitá-lo. Desta forma, não enfatizamos o tema exclusão no questionário, nem nas entrevistas, pois acreditamos que isso poderia inibir as respostas dos alunos excluídos, e ou induzir aqueles que não acham importante a questão a falar sobre.

O questionário foi elaborado com 9 questões abertas relacionadas a participação em aulas de Educação Física, abrindo espaço para opiniões sobre essas aulas. Eles foram aplicados através de formulários para os alunos em sala de aula. Antes de aplicarmos o questionário definitivo, preparamos um questionário piloto, no sentido de averiguar se as questões formuladas permitiriam obter informações relevantes para o trabalho. O questionário piloto foi aplicado para um grupo de aproximadamente 80 alunos, e mesmo obtendo um resultado satisfatório, algumas modificações foram feitas para aplicação do questionário definitivo, que foi aplicado para aproximadamente 60 alunos.

## CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO

Para a aplicação do questionário foram escolhidos alunos da “E.E.P.S.G. Maria Trujillo Torloni”, da 8ª série com idade entre 14 a 16 anos, da cidade de São Caetano do Sul, SP. Sendo que ele foi aplicado nas classes para todos os alunos.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

Do questionário colhemos muitas opiniões. Por isso centramos a nossa atenção nas perguntas e respostas dos *excluídos*, por se relacionarem mais aos aspectos de nossas discussões.

Na questão: “Você costuma participar das atividades propostas nas aulas de Educação Física?” Algumas respostas mereceram destaque:

*“Não, porque as aulas são tão mal organizadas que não dão chance para a maioria jogar”*

*“Não, porque só se joga Rendbol(sic)”*

*“Não, porque na minha classe tem 4 alunos que jogão futsal bem e eles montam a famosa panelinha, coloca os 4 no mesmo time e o resto na outra(sic)”*

*“Não, eles não propõem nada”*

*“Não, porque o professor nunca nos deixa jogar outros jogos além de futebol e handebol”*

*“Sim, porque é obrigatório”*

*“Não, porque as meninas da sala quando erra, briga com nós(sic)”*

*“Muito pouco. Porque a maior parte são os moleques que jogam bola ...”*

*“Poucas vezes, na maioria das vezes os meninos jogam futebol (sem ninguém observar, nenhum professor) e as meninas ficam jogando vôlei numa rodinha e as vezes nem isso”*

Podemos, através de depoimentos como estes, levantar alguns aspectos relacionados a não participação deles nas aulas. Um deles muito citado é a *questão dos conteúdos* propostos nas aulas, em muitas das respostas foi colocado que as aulas são marcadas sempre pelas mesmas atividades, geralmente o jogo de futebol. Certamente, os alunos que têm mais afinidade pelo tema participam e gostam deste momento. Já os outros ficam, de certa forma, sem perspectiva de participação, pois sabem que todas as aulas de Educação Física terão sempre o mesmo conteúdo, aquele que a eles, à princípio, não interessa.

Um outro aspecto a ressaltar das respostas, que vem ao encontro de discussões feitas no Capítulo III, é que na aula a participação dos meninos é maior do que das meninas. O que se observou é que a partir do momento que um grupo de meninos estão jogando (geralmente futebol), fica dificultada a participação feminina, tanto no sentido de participar da atividade, quanto no de mudar a atividade.

Com relação a questão: “O que você acha que poderia mudar nas aulas de Educação Física para que você participasse com mais interesse?” colocamos alguns exemplos de resposta:

... *“Mais interesse do professor em dar aula”*

*“Eu dividiria a classe: os mais habilidosos dos menos habilidosos, assim os menos habilidosos iriam aprender mais(sic)”*

*“Horário de cada jogo o mesmo para cada, um jogo que todos joguem e um professor mais legal”*

*“Organização”*

*“Os professores poderiam usar a aula para ensinar quem não sabe, mas ensinar e não mandar a gente simplesmente jogar”*

*“Eu acho que cada sala deveria ter uma aula sozinha, porque aí não ia ficar ninguém de fora. E pelo menos duas quadras, uma só para homens e outra para as mulheres(sic)”*

*“A professora, porque ela quem tem que fazer com que todos participem(sic)”*

*“Que crie mais opções nas escolas(...) como tênis, natação e ginástica olímpica(sic)”*

*“Teria que ter mais interesse do professor”*

*“O professor poderia ensinar melhor e não jogar a bola na nossa mão ...”*

*“Os alunos que joguem melhor não quererem dar uma de bom em cima dos que não jogam muito bem. E é claro , a colaboração dos professores para que isso deixasse de acontecer”*

*“Fizesse algo que todos os alunos gostassem para participarem(...) tanto os meninos quanto meninas”*

*“O professor deveria fazer os times para que todos tivessem a oportunidade de jogar”*

*“Tudo(...) só não pode continuar do jeito que está”*

Observamos, através desses exemplos, que retrataram a maioria das respostas dos que não participam ativamente da aula, que muitas vezes é citado o professor nos problemas colocados pelos alunos. Percebemos então que: para estes alunos a mudança da Educação Física para melhor passa necessariamente pela revisão do papel do professor na aula.

Novamente, uma maior variedade nos conteúdos propostos foi ressaltada pelos alunos. Algumas respostas até sugeriram estratégias como a separação entre os mais e menos habilidosos, e entre meninos e meninas para um melhor desenvolvimento da aula. Em suma, nota-se que os alunos querem participar, e percebem que a aula (através do professor) também deve cumprir o seu papel em oferecer as oportunidades e ensinar.

Em relação a questão: “ Você acha que os alunos menos habilidosos devem ter também a oportunidade de participar da Educação Física? Porquê?”

*“Sim, porque como eles vão ficar habilidosos sem praticar a aula”*

*“Sim, porque é uma aula e nas aulas você deveria fazer alguma coisa”*

*“Sim, porque não deixa de ser um aluno”*

*“Sim, porque é uma aula como as outras e todos deviam participar”*

*“Sim, acho que mesmo que ele não faça as coisas iguais aos outros, pelo contrário do que acontece, estes é que deveriam ter mais atenção dos professores e compreensão dos amigos”*

*“Sim. Porque a aula é da classe e não dos mais habilidosos”*

*“Escola não é para aprender, então porque os menos habilidosos não devem jogar, se eles não aprender na escola aonde vão aprender?(sic)”*

*“Sim, a Educação Física é um matéria escolar não um campeonato”*

*“Sim, a Educação Física é uma aula, se os menos habilidosos ã participarem então por que eu devo participar da aula de Química, afinal eu não sou um boa aluna nessa aula?! Todos tem que participar(sic)”*

*“Isso é completamente ridículo(...) isto é preconceito, todos os alunos tem direito de praticar todas as aulas inclusive E.F. onde isto é mais comum porque os alunos habilidosos tem + direito de jogar do que os ã habilidosos(sic)”*

Algumas respostas caminham na direção de que a Educação Física é antes de tudo uma *aula*. Percebe-se que os alunos não entendem porque os chamados “menos habilidosos” não têm vez no momento da Educação Física, considerando que eles estão numa instituição de ensino. Muitas destas questões já compreendidas pelos alunos, os professores parecem que ainda não entenderam.

A seguir, outras respostas ressaltam que na aula de Educação Física, muitas vezes, se cria uma ambiente de relações não muito favoráveis a participação dos “menos habilidosos”:

*“Sim, eu sou menos abilidosa e só vou fazer alguma coisa quando mudarem(sic)”*

*“Acho, porque muitas vezes ele não joga com medo de errar muito, perder a*

*bola, etc.”*

*“Eu acho que todos têm a oportunidade de participar, só que eles não gostam de fazer porque os demais ficam dando risada deles”*

*“Eu acho que eles devem ter oportunidade, mas devem jogar separados porque atrapalham os outros que têm habilidade”*

Novamente o professor em questão:

*“Sim, porque geralmente os professores não fazem questão que os alunos com menos habilidades participem das aulas”*

Ainda em relação ao questionário, observamos que quase a totalidade dos alunos que não participam ativamente das aulas de Educação Física, não apontaram a mesma como disciplina favorita. Desta forma, uma questão pode ser formulada: Os alunos não participam porque não gostam, ou não gostam porque não participam? Considerando que a maioria destes alunos, em outras respostas, mostraram-se interessados em opinar sobre a possibilidade de participação, entendemos que na medida em eles tiverem a oportunidade de se engajar de alguma forma na aula de Educação Física, este quadro mude.

---

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convicção de que a exclusão nas aulas de Educação Física é um problema a ser considerado pelo professor, fez com que, desde o início, viéssemos discutindo aspectos relacionados à questão. Um dos entendimentos, que formamos ao longo deste trabalho, é que existe um processo que culmina na não participação de alguns alunos, e que a exclusão é uma consequência de uma série de fatores situados dentro e fora da escola.

Uma visão ampla desse fenômeno, que acontece em muitas escolas, faz com que procuremos analisar o problema sobre uma ótica que extrapole certas explicações, que se tornaram muito comuns que consideram que: a competição exclue, as meninas não gostam de esporte, os gordinhos não levam jeito para isso, etc.

As análises dos questionários confirmam, de certa forma, nossas preocupações colocadas no início do trabalho: influência forte da instituição esportiva dentro da aula de Educação Física, a não participação dos menos habilidosos nas atividades, maior participação dos meninos na aula, e principalmente a atitude do *professor*. Aqui nos vemos obrigados a concordar inteiramente com os alunos, ao considerarmos papel do professor a intervenção pedagógica, e no caso, os alunos sentem a necessidade que ele intervenha para que todos tenham o direito de participar da aula. Muitas vezes o que acontece, na verdade um quadro extremamente triste, é que em muitas escolas o professor simplesmente fica ausente da aula, deixando que as atividades se desenvolvam à vontade dos alunos (dos que participam). Uma situação como essa traz implicações prejudiciais das mais diversas, entre elas a não participação de muitos alunos.

*“A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na ‘falta’ de juízo. O pior juízo é o que considera o professor uma ausência na sala” (Freire 1996, p. 73)*

Todas as questões discutidas são importantes, contudo, uma necessita de maior atenção: a questão da *atitude profissional* do professor .

Alguns valores sociais como: da competição, do papel da mulher na sociedade, entre outros, irão sempre existir e não adianta culpá-los por influenciarem os alunos e, conseqüentemente, a aula. Entende-se que o professor deva ter uma função ativa na construção das relações dentro do espaço de aula. A reprodução de certos valores sociais que ocorre cada vez mais no nosso cotidiano, não é desculpa para que o professor dê continuidade a esse processo em suas aulas. A tentativa de superação da exclusão no ambiente escolar, traz a necessidade abordagem de aspectos relacionados ao respeito, à ética e a democracia por parte do professor, independentemente, do que se prega fora da escola. Um professor que acredita que sua função também esta na formação do global do indivíduo, não pode deixar de refletir sobre essas questões.

Essa pesquisa aponta que os alunos estão conscientes de que não deveriam estar fora das atividades de Educação Física, e que também a mudança passa necessariamente pelas atitudes dos professores. É muito difundida a idéia (principalmente entre os professores) de que o professor tem vontade e iniciativa, mas os alunos são desinteressados. O que pudemos constatar é que muitas vezes isso não é verdade. Sem desconsiderar o papel dos alunos no processo de ensino, acreditamos que a iniciativa para o desenvolvimento da prática pedagógica deve vir do professor, na medida em que este detém o conhecimento da área e das

questões pedagógicas. Nas respostas foi possível averiguar que os alunos não estão totalmente alheios sobre estas questões, como muitos pensam.

Quando constatamos a predominância do conteúdo Esporte nas aulas dos alunos questionados, nos vemos obrigados a retomar questões levantadas nas nossas discussões como: a influência da instituição esportiva ao longo da história da Educação Física, a concepção elitista de aula, aspectos competitivos dentro dela e o esporte como instrumento pedagógico.

Um outro ponto importante abordado nas respostas foi as diferenças entre meninos e meninas em relação à participação. Acreditamos que a menor participação das meninas nas aulas esteja também vinculado com o predomínio do conteúdo esporte. Isso se confirma ao relacionarmos as questões que levantamos sobre o papel da mulher e do esporte, com as muitas queixas das meninas com relação às aulas tratarem exclusivamente de esportes.

Diante de todas essas considerações, acreditamos que a formação de profissionais pela Educação Física, somando-se à sua evolução como área de conhecimento, são como "remédios" que estão sendo preparados. Mas isso não é o bastante, o grande desafio também é fazer com que o "remédio" seja tomado. Afinal, de que vale um remédio que não sai do frasco, para a maioria dos "pacientes".

Acreditamos que este trabalho nos permitiu fazer um exercício muito rico: o de relacionar as nossas discussões sobre o tema com um pouco da percepção dos alunos. Foi importante ouvi-los, principalmente no sentido de reforçar nossa convicção de que precisamos incluir os alunos na aula de Educação Física, fazendo assim valer os seus direitos. Tudo isso reitera nosso compromisso social de educadores, numa sociedade que muito precisa, do *compromisso* e de *educadores*.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALPIARÇA, N. CORFEBOL - Uma perspectiva de integração educacional dos dois sexos através do desporto. In: BENTO, J. , MARQUES, A. (Eds.). *As Ciências do desporto e a prática desportiva*. Lisboa: Universidade do Porto, 1991 v.1 p. 195.
- BRUCH, H. A importância de excesso de peso. In: COLLIP, P.J. (Ed.) *Tratamento da criança obesa. ...* São Paulo: Manole, 1977.
- CASTELLANI FILHO, L. *Pelos Meandros da Educação Física*. S.n.t. , 1992 (xerox)
- DAOLIO, J. *Cultura: Educação Física e Futebol. ...* Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- FREIRE, J. B. *Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física*. São Paulo: Ed. Scipione, 1989.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONÇALVES. C. A prática desportiva das crianças e dos jovens. Contributos para o seu alcance educativo e formativo. In: BENTO, J. MARQUES, A. (Eds.). *As Ciências do desporto e a prática desportiva*. Lisboa: Universidade do Porto, 1991 v. 1 p. 521.
- KORNHABER A. *Obesidade em adolescente: fatores psicopatológicos contribuintes e seu tratamento*. In: COLLIP, P.J. (Ed.) *Tratamento da criança obesa. ...* São Paulo: Manole, 1977.
- MASSOLI, G. *Reflexões sobre a Educação Física para portadores de necessidades educacionais especiais à luz da individualização*. Campinas, 1998. 98 p. (Dissertação de Mestrado) Unicamp.
- MAYER. J. Introdução. In: COLLIP, P.J. (Ed.) *Tratamento da criança obesa. ...* São Paulo: Manole, 1977.

- MEDINA, J.P.S. *A Educação Física cuida do corpo e "mente"*. Campinas: Papirus, 1986.
- MOURA, M.T. *Como enfrentar a obesidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- PAES, R.R. *Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- PIMENTEL, J. Os melhores e os menos bons: comportamentos de alunos selecionados do 2º ciclo do ensino básico em aulas de Andebol e Basquetebol. In: BENTO, J. , MARQUES, A. (Eds.). *As Ciências do desporto e a prática desportiva*. Lisboa: Universidade de Porto, 1991 v. 1 p. 517.
- RODRIGUES, J.L. *A Educação Física no contexto interdisciplinar e a pessoa portadora de deficiência*. Piracicaba, 1991. 109 p. (Dissertação de Mestrado), Unimep.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1986.
- TAFFAREL, C.N.Z. *Criatividade nas aulas de Educação Física*. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1985.

## **Questionário piloto**

*Nome : Facultativo*

*Idade : Facultativo*

- 1. Das aulas que você participa qual a mais lhe agrada?*
- 2. Qual a primeira coisa que lhe vem à cabeça sobre aula de Educação Física?*
- 3. Você participa das aulas de Educação Física?(se não lembre das que você já teve?)*
- 4. Você pratica algum esporte ou atividade física fora da escola? Qual?*
- 5. Você pratica algum esporte ou atividade física dentro da escola? Qual?*
- 6. Você prefere assistir ou praticar esportes?*
- 7. Você costuma participar das atividades propostas nas aulas de Educação Física? Por quê?*
- 8. O que você acha que poderia mudar nas aulas de Educação Física para que você participasse com mais interesse?*
- 9. Você acha que os alunos menos habilidosos devem ter também a oportunidade de participar da Educação Física? Por quê?*